PELOS INCRÍVEIS CAMINHOS DA MEMÓRIA[1]

ALCIDA RITA RAMOS
Universidade de Brasília (UnB)

Quando, em 1996, o nosso professor visitante no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e bolsista do CNPq, Miguel Bartolomé, me disse que pensava em escrever um livro de memórias, confesso que o ouvi com certa dose de ceticismo, o que não lhe passou despercebido como indica sua referência aos meus "às vezes implacáveis comentários" (Bartolomé, 2002: 19). Bem, se aqueles comentários contribuíram para a realização deste livro, felicito-me tardiamente por eles. *Librar el Camino* valeu a pena ter sido escrito e vale ainda mais a pena ser lido.

Três coisas sobressaem no livro: a extraordinária amplitude de experiências etnográficas, a vivacidade da memória do autor e a elegância do estilo construído no tropo da ironia, incluindo a auto-ironia, que eu particularmente tanto aprecio. Vejamos cada uma delas mais de perto.

O estilo anglo-saxão é uma dentre várias opções de se fazer etnografia. Quando Evans-Pritchard (1978: 301) advogou a necessidade de se estudar a fundo ao menos duas sociedades de modo a se ter parâmetros de comparação e contraste, ele certamente não imaginava até onde poderiam ir esses parâmetros. É verdade que Miguel Bartolomé não realizou etnografias "a fundo", no estilo britânico em busca da totalidade nativa, e nem poderia, dada a multiplicidade de povos indígenas que visitou. Seria preciso viver muitas vidas para cumprir o programa evans-pritchardiano. Ao contrário, Bartolomé assume sua escolha. "Uma questão para qualquer antropólogo

1. BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. 2002. *Librar el caminho*: relatos sobre antropologia y alteridad. México: Conaculta/INAH. 207 p.

está em eleger entre a diversidade e a profundidade do conhecimento, porém não tenho o talento de dedicar toda a vida a uma só cultura" (: 103). Insiste que não se trata de um livro de viagens, pois não focaliza "transições, mas dilatadas permanências" e arrisca: "Talvez queira demonstrar a diferença que existe entre uma prática etnográfica latino-americana e a que se desenvolve nos âmbitos universitários metropolitanos" (: 15).

No entanto, esse seu livro de memórias faz mais em prol da compreensão da alteridade que muitos compêndios acadêmicos, pois atinge diretamente a víscera do leitor. Uma sofisticada análise antropológica das vendetas dos Chatinos mexicanos talvez não provocasse o profundo desconforto que *Librar el Camino* deflagra. Em pouco mais de vinte páginas o autor traz para o colo do leitor o pesadelo chatino e a tragédia da troca generalizada de homicídios que desgraça famílias e despovoa aldeias. De modo semelhante, acompanhamos o discreto charme dos Mapuches da Patagônia Argentina, o sofrimento secular dos Maias de Yucatán esmagados por grossas camadas de cruel colonialismo, o esforço de re-significação dos Chinantecos do México face à iminente inundação de suas vidas por uma implacável hidrelétrica, a doçura dos Avá-katu-eté, povo Guarani do Paraguai, o conturbado viver dos Ayoreos, também do Paraguai, caçadores acossados pelos sempiternos sedentos de terra e sedentarizadores de índios.

São ao todo seis situações etnográficas diferentes vividas em três países da América Latina. Outras experiências que não são relatadas no livro foram vividas pelo autor entre os Matacos e Guaranis da Argentina, Guanás e Guayakis do Paraguai, Mixes, Nahuas, Ixcatecos, Zoques, Chontales e Mixtecos do México e, mais rapidamente, entre os Kunas do Panamá, Rarámuris do México, Kichés da Guatemala, Tuxá e Quiriri do Brasil (: 8). É matéria suficiente para condensar as muitas faces do indigenismo no continente latino-americano.

Não sei se os ares do Planalto Central brasileiro detonaram alguma descarga involuntária nas memórias armazenadas de Miguel Bartolomé, mas, talvez o relaxamento que traz o viver longe do demandante cotidiano tenha tido o efeito de fazer aflorar as *madeleines* que desencadeiam a compulsão de resgatar o passado. No caso dele, esse mecanismo proustiano serviu a mais de um propósito: distanciar-se do narcisismo pós-moderno e desentranhar o outro que vive em si mesmo – "quero falar dos outros através de mim e não de mim através dos outros" (: 14). Seja como for, o leitor assiste um tanto pasmado ao desenrolar dessa prodigiosa memória que,

mesmo ajudada por diários de campo com trinta anos ou mais de existência, cria um fio de Ariadne capaz de dar inteligibilidade a experiências existenciais raramente articuladas e articuláveis. Por exemplo, assim como para os Chinantecos e tantos outros povos indígenas acossados por projetos de desenvolvimento, as hidrelétricas têm uma presença marcante na vida de Bartolomé, cobrindo de trevas o seu passado, já que suas raízes étnicas e familiares foram inexoravelmente afogadas por um surto desenvolvimentista espanhol.

Por que o autor escolheu uma expressão do desvario homicida chatino para dar título ao livro? Sua explicação (mais explícita em mensagem que me enviou por e-mail que no próprio livro) remete-se à fantasia de Jorge Luis Borges sobre os caminhos que se bifurcam indefinidamente, fantasia essa que põe em relevo a obrigatoriedade de, ao se escolher um, se abandonar todos os outros. Para um Chatino o primeiro homicídio abre um caminho sem retorno. A partir daí, a única alternativa é continuar matando. Para o etnógrafo o primeiro contato com um povo indígena não lhe deixa outra escolha se não continuar a busca de alteridades indígenas. Seria *librar el camino* uma trágica metáfora para o fazer etnográfico que, segundo alguns povos, é um tipo de assassinato virtual perpetrado por um estrangeiro? Seria o congelamento da vida grupal em folhas inertes de papel uma espécie de homicídio simbólico? Nas dobras mais profundas da memória, não haveria um indelével mal-estar que se manifesta por esse ato, talvez falho, de eleger uma imagem assassina? Ao suscitar esses devaneios, Bartolomé, quem sabe involuntariamente, traz à tona questões que povoam os meandros subterrâneos de quem faz a vida com a alteridade alheia.

Estrangeiro em casa, Miguel Bartolomé é especialmente apto, na qualidade de *argenmex* (argentino–mexicano), para apreciar as nuances e as surpresas que se nos apresenta a alteridade quando vista de dentro. Apesar do uso por vezes excessivo de adjetivos, sua prosa pode agredir, chocar ou encantar, dependendo da posição a partir da qual o leitor a lê. Ironia é o seu tropo maior. Irreverência é a sua inclinação. Respeito incondicional pelos indígenas é a sua motivação. Dou exemplos no original por temer uma traição de tradução e para dar ao leitor uma amostra do que é *Librar el Camino*:

> Semanas después de mi llegada, la organización Cáritas envió a la misión un cargamento de ropas procedente de donantes de la remota ciudad de Nueva York. Los misioneros entregaron las ropas a los indígenas [Ayoreo] para que ellos se las

> repartieran entre sí, aunque no conocían muy bien el uso de la mayoría de las prendas. Al día siguiente pude contemplar la visión fellinesca del musculoso jefe de guerra, el dakasute Heroi, a quien yo ya había aprendido a respetar, gran cazador de jaguares y matador de hombres, dirigiéndose al monte con sus armas, sus adornos plumarios y vistiendo un sugerente y transparente negligé de nylon rosa (: 58).

Devo confessar minha fascinação por essa passagem que me traz ecos retumbantes de situação muito semelhante que presenciei entre os intrépidos homens sanumá nos anos 1960-1970. Ainda sobre os missionários católicos:

> Al parecer los misioneros se conformaban com estos rituales de conversión, en algunos momentos parecían burócratas de la administración de almas; consideraban que vistiendo a los desnudos y cumpliendo con las rutinarias prédicas, la salvación (¿quizás la propia?) estaba asegurada (: 57).

Tão presente no texto quanto a irreverência – hábil mecanismo de desmascarar os trejeitos da dominação – está o gosto pela auto-ironia, como nestes exemplos:

> Yo era un cohñone [para os Ayoreos], término que se puede traducir como extranjero, pero que denota básicamente a un "insensato"; a alguien que no conoce las verdaderas normas que rigen la vida de la gente y que por lo tanto desempeña constantes conductas desviadas (...). Al parecer no existe nada más ridículo y divertido que un cohñone antropólogo (: 58, 60).

Desvela-se ao leitor com uma candura que, ainda que um tanto estudada, mostra sua inapetência pela presunção muitas vezes assumida por antropólogos que tiram da experiência etnográfica combustível para a autopromoção.

> Nuestro colega de Tabasco, dotado de um humor corrosivo e insólito, nos había convencido que Olga era una hija bastarda de Morley, el gran investigador estadounidense a quien tanto debe la arqueología maya. Me produjo una cierta indignación conocer este supuesto miserable destino tropical de una descendiente del científico. Cuando supe que se trataba de un invento del tabasqueño, en realidad preferí seguir pensando que era cierto, aferrándome a la oscura y melancólica grandeza del fracaso (: 139).

O ilustre arqueólogo contribuía, sem o saber, para que, décadas mais tarde, Bartolomé praticasse com gosto a auto-irrisão:

> Quizás el tiempo ayude al proceso y en los años transcurridos se hayan utilizado la paila y las campanas [ofertadas por Bartolomé aos Mayas] del dzul con barba [o próprio Bartolomé], aunque no tuvieron la calidad de las que entregara el venerado y famoso y ya para mí insoportable doctor Sylvanus Morley (: 153).

Zombar de si mesmo também percorre o cotidiano da domesticidade etnográfica:

> A las mujeres [chatinas] locales les encanta tener alguien con quien dialogar mientras realizan los rutinarios trabajos domésticos. En cambio Jaime y yo debemos perseguir a los cordiales pero un tanto esquivos y siempre ocupados hombres. Así la estructuración de nuestros diferentes papeles domésticos consiste en que Jaime acarree el agua del distante pozo y yo cocine, mientras una exuberante Alicia nos relata la rica información que le proporcionan las comunicativas mujeres (: 177).

Bartolomé expressa livremente sua indignação frente aos abusos cometidos contra os índios. Um exemplo contundente vem da situação insustentável dos Chinantecos do México criada pela construção da barragem Cerro de Oro. Ele expõe esses abusos com a linguagem da sensibilidade que nem sempre é permitida nos textos de cunho mais acadêmico, como os escritos por ele e Alicia Barabas arrolados no final de *Librar el Camino.* Os novos donos do poder que empurraram os Chinantecos para a irrelevância social e política aplicavam a sórdida distinção entre "gente de razão" e "gente de costume":

> tal es la bárbara denominación colonial que aún se utiliza en México para diferenciar a los mestizos de los índios.
>
> Torpes y despóticos, buscaban legitimarse reclutando grupos de indígenas clientelizados a quienes "acarreaban" a los actos partidarios, con la promesa de emparedados y bebidas (: 126).

Parte desses abusos está contida também na omissão daqueles de quem se esperaria uma posição crítica e afinada com problemas de injustiça social. Bartolomé tampouco os poupa:

> A pesar del gran desarrollo institucional de la antropología mexicana, ni el indigenismo oficial ni nuestros colegas de la comunidad profesional parecían interesarse en la desesperada situación de las más de 20,000 víctimas del "reacomodo" (: 129).

Não faltam igualmente críticas a certas idéias fixas da antropologia, cacoetes herdados que aderem como cracas ao casco conceitual da profissão. Uma dessas idéias recebidas e pouco refletidas é a atribuição de mito a narrativas indígenas para cujo gênero não se encontrou rótulo mais adequado. Sutilmente, sem alarde nem polêmica, Bartolomé aborda de frente essa questão com meras sete palavras:

> En el acápite de estas páginas reproduzco precisamente un fragmento del *poema cosmogónico* de los mbya – si lo desean llámenlo mito –, en el que la deidad Ñamandú Ru Eté (Nuestro Auténtico Padre) crea el lenguaje humano, ayvu repytá, como parte de su propia divinidad (: 105. Ênfase do autor).

Depois de vivências etnográficas tão contundentes e diversificadas quanto as de Bartolomé, é difícil nos contentarmos com a simplificação de conceitos, como diria Geertz (1983: 57), distantes da experiência que criam fossos de compreensão entre os povos indígenas e o leitor de antropologia. Mito é um dentre muitos desses conceitos que, se um dia se queriam neutros de valor, capazes de galgar fossos cavados por certo relativismo constrangedor, passaram a conotar, ao menos no senso comum, uma noção de quimera, inverossimilhança, irracionalidade mais própria dos primitivos que dos esclarecidos. Por que, seguindo a deixa de Bartolomé, não reconhecer o caráter específico de narrativas (Ramos, 1988), ora místicas, ora históricas, ora políticas, ora estéticas que fazem muito mais justiça às realidades indígenas e servem muito melhor à imaginação etnográfica?

Ler *Librar el Camino* é embrenhar-se pelos meandros da memória de um etnógrafo que nada parece esquecer e nada se poupa viver. É banhar-se no deleite de uma prosa cativante que acende no leitor etnógrafo suas próprias recordações no mundo das alteridades profundas. É, enfim, dar-se conta de que, afinal, vale a pena ser estranho em terras estranhas. Somos-lhe gratos, Miguel, por esta dádiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GEERTZ, Clifford. 1983. *Local knowledge*: further essays in interpretive Anthropology. New York: Basic Books.

RAMOS, Alcida Rita. 1988. Indian voices: contact experienced and expressed. *In: Rethinking history and myth:* indigenous South American perspectives on the Past. HILL, Jonathan (Org.). Urbana: University of Illinois Press. p. 214-234.